

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

Dádiva

Maria José Palla
(Universidade Nova de Lisboa – FCSH)

O historiador Michel Pastoureau esteve em Lisboa para um seminário internacional sobre a cor em 10 Setembro 2009, onde fez a abertura do colóquio, e, humilde como sempre, disse-nos que deixava para os jovens o estudo da cor porque agora são necessárias análises complexas para conhecer os pigmentos, e que a olho nu é muito difícil verificar exactamente quais as qualidades de cada pigmento, de entre outros. Anteriormente realizara-se um outro colóquio sobre a cor em Lisboa na Universidade Aberta. O primeiro foi mais propriamente sobre as dificuldades de estudar os manuscritos e o segundo sobre a literatura. Estes dois colóquios ignoraram-se mas complementam-se. Michel Pastoureau confessou que no início dos seus estudos sobre a cor esta constituía um problema secundário na História. No entanto, este historiador foi avançando com este tema, no início com muitas dificuldades e hoje é um dos mais importantes historiadores da cor no Ocidente, tanto na literatura como nas artes plásticas. A cor tem vindo a ser valorizada a pouco e pouco.

Uma nova forma de reflectir o mundo abriu-se com este investigador e começámos a analisar as artes plásticas, a literatura, de uma outra maneira. Mesmo o mundo visto a preto e branco pelo cinema tornou-se colorido. Começou-se a saber que o mundo medieval era fortemente colorido, que as igrejas eram integralmente policromadas, as salas cobertas de tapetes de cores vivas, os vitrais executados para terem uma cor diferente nas diversas horas do dia e nos diversos meses do ano. Nas artes plásticas rapidamente começámos a saber distinguir as figuras bíblicas ou simbólicas e as personagens benéficas ou traidoras. Se a cor for trabalhada em xadrez, às riscas horizontais ou verticais, o sentido diverge completamente.

Existem, neste momento, investigadores a estudar o valor, a origem e a natureza química dos pigmentos na pintura ou nas iluminuras, abrindo perspectivas múltiplas, convergentes ou divergentes, para o entendimento da cor. É interessante verificar que certos artistas utilizam determinadas pigmentações, tornando-se possível segui-los geograficamente. Ler uma imagem religiosa através dos vestidos das personagens, da sua posição ou contexto no quadro altera constantemente o valor e o sentido da cor numa dada sequência, ao mesmo tempo que ajuda a criar um determinado código semântico ou simbólico que perdura.

A iluminura, por exemplo, é geralmente estudada fora do seu contexto manuscrito que envolve a cor numa plasticidade (densidade, espessura, tonalidade, etc.) que a reprodução fotográfica (não obstante as suas inegáveis vantagens) reduz a uma certa uniformidade ou linearidade enganadoras (o verde é, por exemplo, uma das cores que mais se alteram neste processo, sendo que o ouro dificilmente se pode fotografar na sua dupla natureza de matéria e de cor). Na Idade Média as pessoas eram iluminadas por uma espécie de tocha ou vela que fazia tremer a luz e a tornar os objectos instáveis. O claro-escuro tem desde a Idade Média uma dimensão que não podemos menosprezar.

Mas os textos também estão próximos das cores e nelas se espelham e transformam. Precisamos de estudos laboratoriais para afinar o nosso olhar e as nossas ferramentas conceptuais sobre a cor. Não se podem usar os termos cor primária e cor secundária, ou cor quente e cor fria na Idade Média, pura e simplesmente, porque o espectro só aparece com Newton.

No Ocidente medieval, verificam-se padrões cromáticos com determinados sentidos que lhe estão irremediavelmente associados: a beleza da mulher é a pele cor rosa e a boca vermelha; é a cor da Virgem. Sabemos que em Portugal o luto era escuro e que a noiva podia vestir-se de escarlata.

Apesar dos diversos estudos que se têm feito sobre a cor, sabemos que é cada vez mais difícil estudá-la pois temos de ter os documentos connosco, a fotografia é cada vez menos fiel, e existe ainda o problema do brilhante e do mate.

Este contributo é uma pequena dádiva a Michel Pastoureau pelo que lhe devo e devem os medievalistas pela sua investigação que abriu a todos o mundo e sem o qual o nosso olhar pelas cores medievais seria indubitavelmente mais monocromático.

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10